

Arman Art & Language Artur Barrio Joseph
Beuys Mel Bochner Paulo Bruscky Daniel Buren
Victor Burgin John Cage Luis Camnitzer Louis
Cane Lygia Clark Waldemar Cordeiro Luciano
Fabro Anna Bella Geiger Dan Graham Víctor
Grippe Dick Higgins Michael Heizer Paulo
Herkenhoff Jasper Johns Donald Judd Allan
Kaprow Suga Kishio Yves Klein Joseph Kosuth
Jannis Kounellis Julio Le Parc Sol LeWitt
George Maciunas Ivens Machado Cildo Meireles
Piero Manzoni Robert Morris Hélio Oiticica
Claes Oldenburg Dennis Oppenheim Ad Reinhardt
Martial Raysse José Resende Gerhard Richter
Richard Serra Paul Sharits Robert Smithson
Frank Stella Julio Plaza Grupo Rex Carlos Zilio

ESCRITOS DE ARTISTAS
GLÓRIA FERREIRA E CECILIA COTRIM [ORGS.] **ANOS 60/70**

2ª reimpressão

 ZAHAR

Seleção e tradução dos textos que compõem esta coletânea autorizadas pelos respectivos autores ou seus representantes legais; as fontes encontram-se indicadas a cada ensaio.

Copyright da seleção e comentários © 2006, Glória Ferreira e Cecília Cotrim

Textos de Joseph Beuys © VG Bild-Kunst, Bonn 2002

Textos de Jasper Johns © Jasper Johns / VAGA, N. York, NY

Textos de Donald Judd © Donald Judd Foundation / VAGA, N. York, NY

Texto de Allan Kaprow © 1993 Allan Kaprow

Texto de Robert Morris © 2001 Robert Morris / Artists Rights Society (ARS), N. York

Textos de Robert Smithson © Estate of Robert Smithson / VAGA, N. York, NY

Todos os esforços foram feitos para identificar as fontes dos textos aqui reproduzidos. Estamos prontos a corrigir eventuais falhas ou omissões em futuras edições.

Copyright desta edição © 2006:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª andar

22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel. (21) 2529-4750 / fax: (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br

www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Tradução (com páginas onde se iniciam os textos): Pedro Sússekind (37, 58, 72, 96, 113, 120, 122, 139, 169, 176, 182, 203, 205, 208, 210, 235, 266, 275, 325, 330, 389 [com Flávia Anderson], 401 e 429), Fernanda Abreu (53, 150, 198, 249, 289, 292, 357, 364 e 421), Eliana Aguiar (35, 50, 142 e 300), Flávia Anderson (67) e André Telles (78).

2ª reimpressão: 2012

Capa: Marcos Martins

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E73 Escritos de artistas: anos 60/70 / seleção e comentários Glória Ferreira e Cecília Cotrim; [tradução de Pedro Sússekind... et al.]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ISBN 978-85-7110-939-1

1. Crítica de arte. 2. Arte moderna – Século XX. I. Ferreira, Glória, 1947-. II. Cotrim, Cecília.

09-2331

CDD: 701.18

CDU: 7.072.3

Cildo Meireles

Inserções em circuitos ideológicos

Quando, numa definição filosófica de seus trabalhos, M. Duchamp afirmava que, entre outras coisas, seu objetivo era libertar “a Arte do domínio da mão”, certamente não imaginava a que ponto chegaríamos em 1970. O que à primeira vista podia ser facilmente localizado e efetivamente combatido tende hoje a localizar-se numa área de difícil acesso e apreensão: o cérebro.

É evidente que a frase de Duchamp é o exemplo, hoje, de uma lição mal aprendida. Muito mais que contra o domínio das mãos, Duchamp lutou contra o artesanato manual, contra a habilidade das mãos, contra, enfim, o gradativo entorpecimento emocional, racional, psíquico, que essa mecanicidade, essa habitualidade, fatalmente provocaria no indivíduo. O fato de não ter as mãos sujas de Arte nada significa além de que as mãos estão limpas.

Muito mais do que contra as manifestações de um fenômeno, luta-se contra a lógica desse fenômeno. O que se vê hoje é um certo alívio e uma certa alegria em não se usar as mãos. Como se as coisas estivessem, até que enfim, O.K. Como se nesse exato momento a

Cildo Meireles

[Rio de Janeiro, 1948]

Em 1963, iniciou estudos de arte em Brasília, com Felix Alejandro Barrenechea. Frequentou a Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, em 1967, e dois anos depois fundou, com outros artistas, a Unidade Experimental do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na qual lecionou em 1969 e 1970. Criou cenários e figurinos para teatro e cinema de 1970 a 1974 e, em 1975, foi um dos fundadores da revista *Malasartes*. Entre 1970 e 1975, Cildo Meireles desenvolveu o projeto *Inserções*, que se desdobra em *Inserções em circuitos ideológicos*, com os projetos Coca-Cola e Cédula, e *Inserções em circuitos antropológicos*. Segundo o artista, “as *Inserções em circuitos ideológicos* tinham essa presunção: fazer o caminho inverso ao dos readymades. Não mais o objeto industrial colocado no lugar do objeto de arte, mas o objeto de arte atuando no universo industrial”.

Trabalhando com múltiplas linguagens — pintura, desenho,

escultura, ambiente, happening, instalação, performance, fotografia —, o artista incorpora questões de ordem social e política. Entre suas inúmeras exposições individuais, acompanhadas de catálogos, realizou duas mostras de caráter retrospectivo, no Instituto Valenciano de Arte Moderna (Ivam), Espanha, em 1995, e no Novo Museu de Arte Contemporânea, Nova York, em 1999. Participou das bienais de Veneza (1976) e Paris (1977), da Bienal Internacional de São Paulo (1981, 1982 e 1998) e da Documenta de Kassel (1992 e 2002).

Em 1997, Branca Bogdanova dirigiu o documentário *Cildo Meireles*, nos Estados Unidos. Em 1999 Cildo recebeu o Prince Claus Award do governo holandês. Entre as referências bibliográficas, destacamos *Cildo Meireles* (Londres, Phaidon, 1999. [Ed. bras. *Cildo Meireles*, São Paulo, Cosac & Naify, 1992.])

“Inserções em circuitos ideológicos” Escrito em abril de 1970, foi apresentado no debate “Perspectivas para uma arte brasileira”, em 1971, do qual participaram Mário Pedrosa, Frederico Morais, Jorge Romero Brest, Carlos Vergara e Raimundo Colares. Reeditado na revista *Malasartes* 1 (set/nov 1975).

gente não precisasse iniciar a luta contra um adversário bem maior: a habitualidade e o artesanato cerebral.

O estilo, seja das mãos, seja da cabeça (do raciocínio), é uma anomalia. E anomalias, é mais inteligente abortá-las do que assisti-las vivendo.

ARTE-CULTURA

Se a interferência de M. Duchamp foi ao nível da Arte (lógica do fenômeno), vale dizer da estética, e se por isso preconizava a libertação da habitualidade de domínio das mãos, é bom que se diga que qualquer interferência nesse campo, hoje (a colocação de Duchamp teve o grande mérito de forçar a percepção da Arte não mais como percepção de objetos artísticos mas como um fenômeno do pensamento), uma vez que o que se faz hoje tende a estar mais próximo da cultura do que da Arte, é necessariamente uma interferência política. Porque se a Estética fundamenta a Arte, é a Política que fundamenta a Cultura.

1. *Projeto Coca-Cola*: gravar nas garrafas informações e opiniões críticas e devolvê-las à circulação.
2. *Projeto cédula*: gravar informações e opiniões críticas nas cédulas e devolvê-las à circulação.